

Predicador em sentenças com “coisar” — estruturas temáticas

Sonia Rocha

Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)

snrch@usp.br

Resumo. *Em português falado em diversos lugares do Brasil, o termo coisa é usado no lugar de uma palavra da qual o falante não se recorda no momento da fala. Em geral, isso ocorre porque o falante não tem acesso imediato à palavra que ele necessita dizer, como em João ‘coisou’ o vaso. Nessa sentença vaso tem a interpretação de “aquilo que se quebrou/ que está quebrado”, seja o verbo da sentença quebrar ou coisar. De acordo com Williams (1995), qualquer NP tem de ter alguma interpretação e precisa ser argumento de algum verbo (ver também McGinnis (2001)). A atribuição de papéis temáticos está diretamente relacionada com as configurações estruturais, (McGinnis, 2001). A manutenção do sentido das sentenças em que /kojz/ aparece apontam para a idéia de que a estrutura sintática construída para a sentença é conservada do início ao fim da derivação. A partir dessa discussão, defenderei que temos a possibilidade de competição entre itens-de-vocabulário para raízes, no mecanismo de inserção de Vocabulário. Essa possibilidade se deve à ocorrência do item de vocabulário /kojz/ em contextos de ausência do item de Vocabulário esperado para o morfema resultante da derivação sintática*

Abstract. *In Portuguese language spoken in several places in Brazil, the word coisa (thing) is used instead of a word one does not remind or to which one does not has immediate access in the utterance. In sentences such as João ‘coisou’ o vaso, (John thing.3sg.past the vase), the word vaso (vase) has the same interpretation of “a thing that was broken/ is broken”, both if the verb is to break (quebrar) or the accidental form coisar. According to Williams (1995), any NP must have one interpretation and must be argument of a verb (see also McGinnis (2001)). The assignment of theta roles is directly related with structural relationships (McGinnis, 2001). The maintenance of the meaning in sentences where /kojz/ appears leads to the idea according to which syntactical structure that is built for the sentence is the same through the whole derivation. After this discussion, I’ll claim that there is a possibility of competition among Vocabulary Items corresponding to roots in Vocabulary Insertion. This possibility is due to the occurrence of the Vocabulary Item /kojz/ in contexts where the expected Vocabulary Item for the morpheme provided from syntactical derivation is absent.*

Palavras-chave: modelo; artigo; congresso

1. Introdução

O estudo trazido neste trabalho privilegia as sentenças construídas com /kojz/, seqüência fônica presente na palavra *coisa*, quando essa seqüência é usada para realizar uma sentença que o falante pretendeu dizer, mas esqueceu ou não está apto a dizer uma ou mais das palavras que deveriam estar presentes na estrutura, como demonstram os dados de (2) e (3).

(1) Não quebrei o jarro.

(2) Não quebrei o *coiso*.

(3) Não *coisei* o jarro

Esse contexto de uso de /kojz/ será chamado, ao longo deste trabalho, de contexto de /kojz/ acidental, em oposição ao uso de /kojz/ em sua acepção canônica, mostrado abaixo, nas sentenças de (4) a (5). As sentenças abaixo são exemplares melhores desse uso:

(4) Olha que *coisa* mais linda, mais cheia de graça;

(5) Tem *coisas* que o dinheiro não compra

Mais detalhadamente, as sentenças (2) e (3) são exemplos de ambientes em que /kojz/ é pronunciado numa sentença em lugar dos esperados *jarro* (em (2)) e *quebrei* (em (3)). O que se tem, nesses casos, é um termo diferente dos esperados, mas que é capaz de denotar, para o falante, ou mesmo para seu interlocutor, dependendo do contexto em que é usado, o mesmo que os tais termos esperados denotariam.

A interpretação das relações que se estabelecem entre a posição onde se encontra a seqüência fônica /kojz/ e as outras posições que compõem a estrutura sintática é um fator fundamental na apreensão do significado representado por esse item na sentença que o falante pretendeu dizer. Assim, ao tratar de sentenças em que /kojz/ é realizado como o núcleo do predicador, emerge uma questão a ser respondida neste trabalho: é possível que \sqrt{cois} seja o real predicador em sentenças como (3)?

Para a análise do objeto de estudo apresentado neste trabalho, assumirei a proposta do modelo teórico da Morfologia Distribuída (DM¹) como útil ferramenta para tratar os processos de formação de palavras. Esse modelo assume que as palavras são geradas na sintaxe, de forma análoga às sentenças. Essa discussão abordará uma questão que importante aos estudos de DM, qual seja a presença ou ausência de fonologia nas raízes. Entendo que as evidências das relações de predicação em sentenças com /kojz/ devem trazer esclarecimentos úteis para tal questão.

Este artigo está organizado da seguinte forma: uma descrição sumária dos pressupostos teóricos que assumo é apresentada na seção 2. Nessa seção apresento as propostas de Williams (1995) a respeito da interpretação de argumentos dentro da Teoria Temática, assim como a visão de McGinnis (2001), Levin & Rappaport-Hovav (1995), entre outros acerca dos núcleos e relação entre predicadores e argumentos. O modelo teórico da Morfologia Distribuída é também brevemente descrito nessa seção com as principais que norteiam a discussão presente neste trabalho. Na seção 3,

¹ Morfologia Distribuída: DM, do inglês *Distributed Morphology*

apresento a minha abordagem dos dados à luz dos pressupostos teóricos apresentados na seção 2. Também nessa seção, conduzo a discussão a partir da qual proponho a necessidade de se ter inserção tardia de fonologia para raízes, dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída, discutido com mais detalhe na seção 4. Por fim, um sumário dos pontos apresentados neste trabalho é esboçado na seção conclusória de número 5.

2. Referencial teórico

2.1 Relações temáticas

Para a proposta Vale, nesse ponto, retomar, ainda que com algumas ressalvas, a generalização que Williams (1995) acrescenta à Teoria Temática²:

- (6) “todo NP tem de adquirir algum tipo de interpretação na sentença, e ser argumento de algum verbo”.

A afirmação de que todo NP tem de receber um algum tipo de interpretação equivale a dizer que todo NP tem de receber um papel- θ . Tal noção é muito útil para essa discussão, pois esse “algum tipo de interpretação”, pode estar relacionado com a raiz formadora do verbo de que o NP será argumento³, de acordo com a proposta de Levin & Rappaport-Hovav (2003), sumarizada mais abaixo.

McGinnis (2001) considera que todo argumento deve ter uma interpretação. A autora ainda assume que a atribuição de papel temático está mais propriamente ligada a configurações estruturais. Por outro lado, é com base no conhecimento do evento do qual o NP participa que se pode dizer qual é a sua interpretação. Nos dados apresentados acima, apenas se pode interpretar João como “aquele que quebrou um jarro” a partir do conhecimento do evento de que João participou, isto é, sabendo-se que João constituiu-se no agente do evento de “quebrar o jarro”.

Levin & Rappaport-Hovav (2003: 10), defendem que as raízes (portadoras do significado mais essencial⁴) e os moldes de estrutura de evento são duas instâncias distintas, mas inter-relacionadas. Nos termos das autoras, “é a raiz quem nomeia um determinado evento”. Mas a propriedade mais essencial de nomeação de eventos que uma raiz possui pode ser apreendida em duas macro-classes, que as autoras definem

² Williams assume que o verbo é quem determina a classe gramatical e o número de argumentos que estarão presentes em sua estrutura e que tais especificações são codificadas no léxico. A especificação da categoria e dos argumentos no léxico é abandonada aqui, não apenas pelo fato de o modelo de análise que estou utilizando eliminar a noção de um léxico com propriedades para fazer tais atribuições, mas também pelas evidências já apresentadas por alguns autores (ROSEN, 1999; HARLEY, 2005; MARANTZ, 1997, entre outros) de que a estrutura argumental é dada configuracionalmente. Ainda cabe a ressalva de que as categorias gramaticais (verbo, nome, etc.) são adquiridas no componente sintático, como apontam algumas evidências trazidas por Halle & Marantz (1993), Embick & Halle (2003), Arad (2000) entre outros.

³ Cançado & Franchi (1997) apontam que as relações pelas quais se atribui um dado papel aos argumentos de um predicado são as mesmas que permitem identificar um agente como “matador”, “quebrador” ou “beijador”, conforme participem de um evento de “matar”, “quebrar” ou “beijar”, respectivamente. Essa é uma perspectiva até certo ponto condizente com a proposta, por exemplo, de McGinnis (2001). Entretanto, os autores afirmam que cada item lexical carrega a especificação das relações temáticas de que participará.

⁴ *Core meaning*, para as autoras.

como aquela que dá origem a verbos que denotam meios/maneiras (como *shovel* (remover a neve) ou *smear* (manchar)) e aquela que forma verbos que denotam resultados (como *empty* (esvaziar) ou *cover* (cobrir)). As que se enquadram na classe do tipo meio/maneira especificam um meio de completar uma ação, enquanto as da classe resultado especificam o resultado de uma ação.

A proposta das autoras é revista por Marantz (1997), e o autor argumenta em favor da necessidade de se acrescentar mais um tipo a esses dois tipos de raízes: as raízes do tipo de *break*, cuja interpretação nominal aponta para um estado final; a interpretação de mudança de estado é dada sintaticamente, com a introdução ou não de um argumento.

Considero interessante observar as colocações de Levin & Rappaport-Hovav (op. cit.) e Marantz (op. cit.), porque elas estabelecem uma função para as raízes na apreensão da interpretação dos argumentos do predicado que elas formarão. Assim, para esses autores, é a presença de uma ou outra raiz, na estrutura sintática, que vai licenciar a estrutura eventiva da ação do predicado: uma raiz da classe que denota meio/maneira codifica uma estrutura eventiva simples, ou seja, denota um evento com apenas um participante estrutural que é o sujeito. Por outro lado, uma raiz que denota resultado codifica uma estrutura eventiva complexa, já que expressa uma mudança de estado externamente causada.

2.2. Morfologia Distribuída

Esse modelo surgiu em meados dos anos 90s, a partir de estudos de Alec Marantz e de Morris Halle (cf. Halle; Marantz, 1993). Segundo esse modelo, a sintaxe opera somente com elementos que lhe são relevantes, isto é, terminais sintáticos são construídos apenas de conjuntos de traços com informações sintático-semânticas. As peças flexionais se organizam hierarquicamente, da mesma forma que estruturas maiores que palavras.

Alguns conceitos presentes em DM encontram importância dentro deste projeto de pesquisa. Desta forma, serão sumariamente descritos aqui. À estrutura da gramática tradicionalmente utilizada em GB (Government and Binding), DM adiciona a estrutura morfológica (MS⁵). Na MS ocorrem arranjos para a combinação adequada entre os nós provenientes da sintaxe e os itens-de-vocabulário (que são a o material fônico correspondente a tais nós) de línguas específicas (cf. Noyer, 1992; Halle; Marantz, 1993; Harley; Noyer, 1999).

Três listas alimentam a Faculdade da Linguagem:

(i) Lista 1 — é uma lista conjunto de traços relevantes para os princípios da sintaxe, estão ali presentes morfemas abstratos e raízes;

(ii) Lista 2 ou Vocabulário — itens-de-vocabulário, que são regras que conectam os nós provenientes da sintaxe com os traços fonológicos relevantes correspondentes a tais nós, todos os itens-de-vocabulário, em princípio competem para inserção de um dado nó, aquele que contém mais especificações compatíveis com o nó em questão é inserido;

⁵ Estrutura Morfológica, MS: do inglês *Morphological Structure*.

(iii) Lista 3 ou Enciclopédia — conecta peças que são o output da gramática com significados não composicionais, as entradas presentes nessa lista estão o input para interpretação semântica (Marantz, 1996; Harley;Noyer, 1999; entre outros)

Rocha (2008) defende que as raízes presentes na lista 1 são abstratas; nesse sentido, a em que raiz é o núcleo conceitual básico de uma palavra (simples ou complexa), sem traços fonológicos inerentes. Após a derivação sintática, traços fonológicos relevantes, presentes na Lista 2, são inseridos nos nós correspondentes a tais raízes. Essa concepção de raiz está também sugerida em Marantz (1997) e Pfau (2000). Essa noção é a que assumo neste projeto de pesquisa quando utilizo o termo raiz.

3. Predicador em sentenças com /kojz/ acidental

Minha análise se apóia no pressuposto comumente aceito de que predicação diz respeito ao requerimento imposto por LF de que todos os predicados insaturados devem ser saturados, ou seja, que os sujeitos devem estar indexados ao predicado. Como explanado na seção anterior, os papéis- θ dos argumentos de um predicado se estabelecem partir da raiz que nucleia tal predicado.

Em (7), João recebe o papel temático de desencadeador, enquanto jarro recebe o papel temático de tema.

- (7) João quebrou o jarro/ copo/ vaso.
a. João [desencadeador]
b. o jarro [tema]

O papel temático *tema* do NP *o jarro* em (7) será o mesmo que aquele de *o coiso*, em (2), o predicador é o mesmo: *quebrou*. O mesmo papel-!, é encontrado, entretanto, no NP *o jarro*, em na sentença em (3), em que o verbo é *coisou*. Sua interpretação semântica de “aquilo que se quebrou” é mantida nos objetos diretos das três sentenças graças à sua posição de argumento interno do núcleo do predicado *quebrar*, que é formado a partir da raiz $\sqrt{\text{quebr}}$. Tal observação permite postular a afirmação de que a raiz presente na sentença em (3) é também $\sqrt{\text{quebr}}$ e não $\sqrt{\text{cois}}$.

O caso dos predicados realizados com o item /kojz/ acidental é interessante, dado que a estrutura eventiva desses predicados é equivalente ao predicado que o falante pretendeu expressar, e não se comporta como uma estrutura eventiva de um possível verbo “coisar”.

Caso esse verbo tivesse estatuto de um verbo comum presente no vocabulário da língua portuguesa, como acontece com coisificar, ele se encaixaria na classe resultado e teria uma representação como a que se propõe em Levin & Rappaport-Hovav (2003), apresentada em (8), abaixo:

- (8)(result (i.e., externally caused) state (Hale & Keyser 2002, L&RH 1995) \rightarrow [[x ACT] CAUSE [BECOME [y <RES-STATE>]]]
(e.g., *break, close, crack, open, split...*)

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2003)

A interpretação da estrutura eventiva e dos papéis- θ dos argumentos associados a *coisificar*, pode ser a que se prevê para qualquer um dos tipos de raízes apresentados anteriormente.

Finalmente, para o caso em que /kojz/ é inserido em uma posição nominal, é interessante observar que é muito comum que essa representação entre em uma estrutura em que o papel- θ disponível é próprio de nomes com características que não são pertinentes ao vocábulo coisa da língua portuguesa. Isso pode ser observado nos dados de (9) a (11), em que /kojz/ é utilizado como realização de entidades animadas, não classificáveis como “coisa”:

- (9)a. Mãe, a *Coisinha*/ o *Coisinha*/ o *Coisinho* me bateu.
 - b. Mãe, a Janaina/ o Tiago me bateu.
 - c. *Mãe, a pedra me bateu.
- (10)a. Eu costumo dar sementes de girassol pra *coisinha* do meu irmão.
 - b. Eu costumo dar sementes de girassol pra coelhinha do meu irmão.
 - c.* Eu costumo dar sementes de girassol pra gaiolinha do meu irmão.
- (11)a. O *coiso* da Maria também sente frio, ele vive tosado.
 - b. O cachorro da Maria também sente frio, ele vive tosado.
 - c. * O livro da Maria também sente frio, ele vive tosado.

Algumas das propriedades das posições em que o item /kojz/ aparece, nas sentenças acima são animacidade, volição, etc. propriedades comuns a argumentos com papel- θ de agente, por exemplo, ou com os papéis temáticos de benefactivo e experienciador que também requerem que o argumento possua traços de animacidade, para determinar uma interpretação aceitável. Até aqui, trouxe diversos dados que demonstram que a atribuição de papel temático em sentenças construídas com o item /kojz/ se dá de forma que essas sentenças devem expressar aquilo que as sentenças que o falante quis dizer expressariam. A observação dos dados apresentados sugere, então, que, mesmo tendo realizado a forma fonológica /kojz/, o falante construiu a derivação da sentença que produziu a partir de uma raiz diferente de \sqrt{cois} -, já que, apesar da presença de /kojz/, a expressão idiomática construída pode ser interpretada corretamente, sugerindo que a enciclopédia tenha usado a estrutura que a sintaxe forneceu, para informar, adequadamente, o significado de determinadas expressões em contextos especiais.

4. Inserção tardia de fonologia para raízes

Para desenvolver a discussão que busca demonstrar que é possível haver inserção tardia de material fônico para raízes, primeiro devo argumentar o porque de /kojz/ ser considerado um item-de-vocabulário. Além de ser considerado como tal, defendo ainda que /kojz/ deve ser um item-de-vocabulário default. Ao fazer essa afirmação, assumo o seguinte pressuposto: uma palavra é constituída por uma raiz e por outros morfemas abstratos. Esses últimos podem ser foneticamente realizados ou não, enquanto uma raiz, sempre será foneticamente realizada⁶.

⁶ Diante da possibilidade de dizer-se que /cois-/ seja uma pró-forma, tem-se de considerar que as pró-formas podem não ter realização fonológica. É interessante observar que algumas pró-formas possuem apenas um conjunto de traços de uma raiz, como discutem Aoun & Nunes (2007: 527-8). Esse conjunto de traços não faz de uma pró-forma uma raiz, mas é cópia dos traços formais de uma dada raiz presente

Alguns estudiosos cujos trabalhos se fundamentam dentro do modelo da DM acreditam que uma característica que diferencia as raízes de morfemas abstratos é a presença de fonologia nas primeiras em face da total ausência de fonologia nos últimos, no componente sintático (cf. Embick; Noyer 2004; Embick 2005; Arad 2000 etc.).

Entretanto, é possível pensar nessas raízes como primitivos abstratos, desprovidos de conteúdo fonológico, como menciona Marantz (1993: 112-3; 1997: 12; entre outros). Nessa linha de pensamento, é possível explicar a ocorrência de raízes que participam da derivação de uma dada sentença, mas recebem, na Inserção-de-vocabulário, uma peça fonológica diferente da esperada para estas raízes. Assim, nas sentenças em discussão, como (7), por exemplo, a raiz participante da derivação é \sqrt{quebr} e não \sqrt{cois} . O item-de-vocabulário /kojz/, na verdade, realiza fonologicamente a posição em que, por suas especificações sintático-semânticas, se esperava o item /kebr/.

A hipótese de que /kojz/ seja um item-de-vocabulário *default*, disponível para raízes, é respaldada por um dos princípios minimalistas: *Full Interpretation* (HORNSTEIN ET AL.; HARLEY, 2007). A consequência imediata desse princípio é que todas as estruturas provindas da sintaxe devem ter uma representação em LF, ou, em outras palavras, deve ter alguma consequência interpretativa. Na arquitetura da gramática assumida dentro do Programa Minimalista (Chomsky 1995, 2000), após *Spell Out*, quaisquer operações efetivadas numa estrutura, enviada para o componente fonológico, não terão efeito no componente semântico (e vice-versa).

Vejam-se, por exemplo, casos em que alterações feitas no caminho de LF, não são percebidas, nem alteram o resultado da Inserção-de-vocabulário. Cabe à forma lógica interpretar as relações hierárquicas, a partir de referenciais que lhe forem necessários para fornecer ao falante o resultado da estrutura. É o caso da sentença em (12):

(12) Todo homem ama uma mulher.

O quantificador *todo* recebe o significado específico em LF e estabelece o seu domínio de escopo (NEGRÃO, 2003). As diferentes interpretações de sentenças como (12) só podem ser dadas em LF, já que todas as relações hierárquicas da composição sintática são suficientes apenas para mapear a posição de cada um dos constituintes dos sintagma em uso, e ali inserir os respectivos itens-de-vocabulário.

Assim, em uma estrutura gerada pela sintaxe, a sentença tem sua interpretação preservada em LF. Se essa interface recebe uma sentença que terá algum morfema realizado pelo item-de-vocabulário /kojz/, como em(2) ou (3), ela interpreta o morfema em questão como a raiz \sqrt{quebr} , que participa das operações na sintaxe. Entretanto, PF recebe e realiza o item-de-vocabulário acidental /kojz/ inserido na Inserção-de-vocabulário.

Esse tratamento que proponho ao item-de-vocabulário /kojz/ é possível em DM, porque, nesse modelo, defende-se que um item-de-vocabulário que compete para a realização de um nó provindo da sintaxe não precisa conter todas as especificações

em outro ponto da derivação. Importante notar que não descarto a possibilidade de que esse item-de-vocabulário seja uma pró-forma, mas aponto para uma possível complicação dessa hipótese.

daquele nó, mas pode ser um sub-conjunto dos traços presentes ali. É o que se chama de *Princípio do Sub-conjunto* ou subespecificação dos itens-de-vocabulário (Halle, 1997; MARANTZ, 1997; EMBICK; NOYER, 2004; etc.).

Um fato interessante de se notar é que o *Princípio do Sub-conjunto* apenas está previsto para os casos de inserção tardia de itens de vocabulário para morfemas abstratos, ou os chamados *f-morphemes* (HARLEY; NOYER, 1999). Esse princípio regula os mecanismos de inserção de tais itens e também o seu sistema de competição. Ora, estando a realização fonológica das raízes sujeita à condição de receber um item-de-vocabulário menos especificado, é uma consequência natural que as raízes também passem por mecanismos de competição para a inserção de sua fonologia⁷.

4.1. Supleção e Inserção Tardia

Os autores que defendem a presença de matriz fonológica nas raízes, quando elas entram na derivação sintática, o fazem principalmente sob o argumento da inexistência de evidências para a supleção de raízes. O que há, segundo esses autores, são itens-de-vocabulário mais especificados para alguns contextos sintáticos. Casos como o das formas *go/went* são tratados como tipos de verbos leves e, portanto, funcionais. Segundo Marantz (1996), estão em jogo, nesses dois vocábulos, traços funcionais, que não são raízes.

Entretanto, no caso com que estou lidando, não defendo que seja uma forma supletiva em relação a uma forma básica. Ou seja, não defendo que /kojz/ acidental seja um alomorfe de um morfema específico. Antes, como demonstrei acima, esse item-de-vocabulário consiste numa forma que supre de material fonológico qualquer raiz em contexto sintático específico de núcleo, a cuja realização fonológica a Inserção-de-vocabulário não teve acesso. O que acontece, portanto, é que ao lado da forma fonológica esperada para uma raiz, entra na lista de realizações possíveis uma forma *default*, que na maioria dos casos⁸ é /kojz/.

Alomorfia contextual é dada por Embick & Halle (2003) como exemplo efetivo de supleção. É o caso, por exemplo, dos itens-de-vocabulário que realizam o morfema abstrato T [past] do inglês: *-ed*, *-t* e *ø*.

O fato de que, na grande maioria dos casos, as raízes são realizadas com a fonologia canônica, e, somente às vezes, com o item *default*, faz com que os estudos em DM passem a ter de considerar a possibilidade de competição para as raízes, assim como há competição para Inserção-de-vocabulário para os morfemas abstratos.

⁷ Talvez seja ainda um ponto de estudo, investigar se não há competição para inserção de membros de um mesmo grupo “semântico”. Penso na possibilidade de todos os hipônimos de um grupo concorrerem para a realização de uma raiz, e que o mais especificado vença. Assim, a realização fonológica de gato passaria pela competição de itens como gato > felino > quadrúpede > mamífero > ... > animal > coisa. Para essa suposição, em cujos detalhes eu não pretendo entrar, ainda restaria estabelecer qual seria o mais e o menos especificado. Uma questão que permaneceria subjacente, ainda, é a que diz respeito aos motivos que levam um item menos específico ser selecionado.

⁸ Há casos em que no lugar do item-de-vocabulário esperado também pode se inserir as formas: *treco*, *negócio*, *trem*, que parecem ser mais especificadas que /kojz/ e inclusive portar restrições para o traço de animacidade e incompatibilidade com algumas categorias, como a categoria verbal, por exemplo, apesar de já terem sido observados casos de sentenças com a forma *negociar*.

Embick & Halle (2003), evitando postular o mecanismo de inserção tardia para raízes, propõe a criação de uma lista de raízes que, em dado contexto morfossintático, necessita passar por Regras de Reajuste. Essas regras, como descrito em Halle & Marantz (1993), nada mais são do que acomodações fonológicas, ou informações adicionais, independentes de contextos morfossintáticos (op. cit., p.8).

As listas propostas por Embick & Halle (2003), só se fazem necessárias uma vez que o autor postula a existência de material fonológico vinculado às raízes pré-sintaticamente. Ao lado do fato de que, os autores criam uma nova definição de regras de reajuste que mais tem a ver com informações morfossintáticas, essas regras têm, ainda, de deletar uma informação pré-existente, qual seja a fonologia específica de uma raiz ($\sqrt{\text{root}}$).

Considerando que PF é apenas uma interface, é questionável que esse componente da gramática tenha tantas mais atribuições que o seu componente correlato, a LF, que, como apontam Harley & Noyer (1999) “é meramente um nível de representação que exhibe certas relações estruturais relacionadas ao significado, tais como escopo de quantificador” (p.4).

Entre as regras de reajuste propostas por Embick & Halle (2003), estão as prefixadas para uma lista de raízes do tipo de $\sqrt{\text{mouse}}$, que têm a informação fonológica do segmento /-a^w-/ alterada para /-aj-/ em contextos plurais: /ma^ws/ → /majz/. É razoável apontar que a proposta de tais poderosas regras de reajustes apresenta problemas importantes, que residem em: i) necessidade de criação de listas de raízes com demandas específicas; ii) adição de informações que remetam a processos pós-sintáticos à composição das raízes; e iii) processo de mapeamento de estrutura morfológica pós Inserção-de-vocabulário (em PF). Desta forma, pondero que é uma proposta dispendiosa demais para um modelo que prima pela minimalização das operações.

A postulação de raízes desprovidas de informação fonológica na sintaxe, que têm seu material fônico inserido após as operações sintáticas e morfológicas necessárias terem sido aplicadas, evita os problemas assinalados no parágrafo anterior para a proposta de Embick & Halle (2003), entre outros trabalhos que sugerem a mesma coisa. O caso das formas /ma^ws/ e /majz/, é explicado em termos de ser a primeira forma um item-de-vocabulário especificado para raiz $\sqrt{\text{mouse}}$ em contexto default, enquanto a segunda é especificada para a mesma raiz em contexto nominal plural. O mesmo tratamento é possível, até o presente momento para qualquer raiz, sem ser necessária a formulação de regras de exceção ou listas que englobem paradigmas. Vale ressaltar, ainda, que o modelo em que minha proposta e a proposta de Embick & Halle se desenvolvem, não há lugar para se tratar teoricamente, ou formalmente da noção de paradigma (para maiores detalhes, ver trabalho de Bobaljik (2002))

4.2 Paralelismo de estruturas em LF e PF e raizinha⁹($\sqrt{\text{ }}$)

Um último ponto a ser discutido é referente ao seguinte questionamento: O falante que passa pelo lapso de não ter acesso ao item-de-vocabulário esperado para a raiz que está

⁹ Raizinha: *Little Root*, proposta por Marantz, 1996.

na sintaxe, item que figura na maioria das ocorrências dessa raiz, sabe o que ele queria falar? A minha resposta é sim. Mas ela não emerge apenas do sentimento que eu, como pesquisadora e como falante de português, tenho quando uso sentenças com /kojz/ acidental.

As propostas mais inclinadas a tratar raízes como passíveis de receber inserção fonológica após a derivação sintática postulam a presença de um morfema *raizinha* ($\sqrt{\quad}$), que funciona como um *place holder* a que se adicionará material fônico na Inserção-de-vocabulário, e a que a Enciclopédia adicionará significado, ou interpretação, no sentido *latu* (Marantz, 1996; Embick, 2005, entre outros)

À existência desse morfema $\sqrt{\quad}$, é que corresponde a idéia de que não há competição, mas escolha na Inserção-de-vocabulário. Dessa forma $\sqrt{\quad}$, em contexto nominal em que estão presentes as informações, por exemplo “animado”, “contável” “singular”, sem afixos realizáveis fonologicamente, pode, sem maiores restrições, ser realizado como /kæɪ/ ,/dog/ etc. (MARANTZ, 1996; HARLEY, 2007; EMBICK, 2005, entre outros). Tal inserção, segundo Marantz (1996), a escolha entre, por exemplo /kæɪ/ ou d! g/, depende de informações obtidas a partir da interação entre a enciclopédia e a Inserção-de-vocabulário. Nessa interação, para que interprete a sentença, com a devida raiz, LF deverá ser informada sobre qual foi o item-de-vocabulário escolhido. A proposta defendida nesta dissertação se opõe sumariamente a essa idéia de ter um mensageiro que informe, antes da interpretação da sentença, qual o item-de-vocabulário escolhido pelo falante à LF ou à Enciclopédia.

No capítulo 3, em que descrevo o modelo teórico com que trabalho, me refiro à operação de *Spell Out*, que envia para LF e PF, simultaneamente duas cópias idênticas da estrutura provinda da sintaxe (HALLE; MARANTZ, 1993). Segundo a análise já referida que após *Spell Out*, a alterações que ocorrem no caminho de PF ou LF são opacas, isto é, não pode ser vista pela interface oposta (cf. CHOMSKY, 1995; HALLE; MARANTZ, 1993; NEGRÃO 2003, entre muitos outros).

Ao afirmar que o falante “sabe” qual foi a raiz que selecionou para compor uma sentença e o conceito encerrado em cada uma delas, baseio-me, entre outros, nos dados apresentados acima. Considerando que a interpretação em LF e a linearização em PF sejam quase que simultâneas¹⁰, os dados de reformulação da sentença realizada com /kojz/ acidental são um indício de que o falante toma consciência de que o item-de-vocabulário inserido não corresponde à raiz presente na estrutura que está sendo interpretada em LF:

(13) João cois/ secou o copo

(14) João coisou ... quer dizer, secou o copo

Ao lado das sentenças rerepresentadas acima, também, naquela subseção, descrevi situações em que ao item-de-vocabulário /kojz/ acidental, o falante faz um gesto. Tal gesto é uma referência ao conceito presente na raiz que se encontra na estrutura gerada pela sintaxe.

¹⁰ Para esse trabalho, não busquei aprofundar-me em questões neurolinguísticas, mas trabalhos como Bachrach et al. (2004), por exemplo, apontam evidências de que os dois processos são quase que simultâneos.

(15) Daí, eu *coisei todas as* janelas pra não entrar água

[a mão fechada, como que segurando um objeto (uma maçaneta?) e o braço estendido se movimenta vindo de uma posição distante do corpo do falante em direção a um ponto mais próximo dele, várias vezes]

O que esses dados trazem de relevante para a presente análise é a possibilidade de afirmar que, na sintaxe, estão presentes raízes que possuem informação conceitual — veja-se que o falante manifesta, em alguns casos, o conceito a que o item-de-vocabulário deveria se referir, se não tivesse sido realizado acidentalmente como /kojz/. Tal informação está presente tanto na estrutura que chega à LF, e desempenha ali o seu papel de contribuir para a interpretação da sentença, quanto na estrutura que chega à PF — dado que casos como os gestos que, por exemplo, acompanham a sentença em (15), remetem a tal conceito. Vale ressaltar que como assumo aqui, tais gestos são operações do Sistema Articulatorio/Perceptual e refletem uma informação obtida da interface PF.

5. Conclusão

Os dados trazidos neste trabalho são base para a premissa de que a raiz que está na sintaxe, local onde se estabelecem as relações de predicação não é a raiz \sqrt{cois} . Isso porque as relações observadas, tais como relações temáticas equivalentes à da raiz esperada e incompatível com a raiz \sqrt{cois} . A hipótese que se deriva da observação desses dados é a de que as raízes presentes na sintaxe não têm conteúdo fonológico.

Foi demonstrado nas seções 3 e 4 que é possível tratar a seqüência fônica como um item-de-vocabulário menos especificado que concorre ao lado de certos outros itens-de-vocabulário para realizar uma posição referente a uma raiz. E tal demonstração se deu por meio em alguns passos que perpassaram desde a constatação de que a raiz tem importante papel na atribuição de papel temático

A postulação da inserção tardia de fonologia para raízes representa um ganho para o modelo teórico da Morfologia Distribuída na medida em que ela permite evitar que se proponham mecanismos poderosos demais para PF, tais como operar com dados morfológicos no caso das variantes da realização do par *mouse/ mice*. Também essa proposta se mostra uma alternativa a se sugerir que LF tenha acesso a movimentos e à informação da escolha lexical, como a postulação da *little root* requer, de acordo com a análise proposta em Marantz (1996).

6. Referências bibliográficas

- AOUN, J.; NUNES, J. Vehicle Change Phenomena as an Argument for Move-F. **Linguistic Inquiry**. 2007
- BACHRACH, A.; et al. Morphological Decomposition in Hebrew Verbs: An MEG Masked Priming Study. Poster apresentado em **Cognitive Neuroscience Society Meeting**. 2004
- BARROS, D. L. P. Procedimentos de reformulação, a correção. In: PRETI, D. (Ed.), **Análise de Textos Oraís**. São Paulo: Humanitas FFLCH/ USP, 2001
- BOBALJIK, J. D. **Syncretism without Paradigms**: Remarks on Williams 1981, 1994. Montreal: McGill University, 2002

- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995
- EMBICK, D. **Blocking Effects and Synthetic/Analytic Alternations**. Manuscrito. University of Pennsylvania, 2005.
- EMBICK, D.; HALLE, M. On the status of stems in morphological theory. In GEERTS, T.; JACOBS, H. (eds.) **Proceedings of Going Romance 2003**.
- EMBICK, D.; NOYER, R. **Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface**. Manuscrito, 2004
- FRANCHI, C.; CANÇADO, M. Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos. In **Revista de Estudos da Linguagem**, v.11 - No. 2 , Belo Horizonte: UFMG, 2003
- FREGE, G. **The Foundations of Arithmetic**. Oxford: Basil Blackwell, 1980
- HALLE, M. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. In **MIT Working Papers in Linguistics 30**. Cambridge: MIT Press, 1997.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distribute Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KAYSER, S. J. (Eds.), **The view from building**. Cambridge: MIT Press, 1993
- HARLEY, H.; NOYER, R. **State-of-the article: Distributed Morphology**. Manuscrito, 1999.
- IMPROTA-FRANÇA. A. Linguagem e Neurociência. (Powerpoint, aula apresentada em **Evelin 2004**. Campinas: Unicamp, 2004.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. **Roots and Templates in the Representation of Verb Meaning**. (Handout) Stanford: Stanford University, 2003.
- MARANTZ, A. No escape from Syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; et al. (Eds.), **Proceedings of the 21th annual Penn Linguistics Colloquium**, Penn Working Paper in Linguistics. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1997, vol.4.2
- _____. **“Cat” as a phrasal idiom: Consequences of late insertion in Distributed Morphology**. Manuscrito, 1996
- _____. **Words and Things**. Manuscrito. 2001
- MCGINNIS, M. Semantic and morphological restrictions in Experiencer predicates. **Proceedings of the 2000 Canadian Linguistic Association Annual Conference**. University of Ottawa, 2001
- NEGRÃO, E. V. Forma Lógica e Quantificação. In: MÜLLER, A. L. .P.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (Eds.), **Semântica Formal**. São Paulo: Contexto, 2003
- NOYER, R. **Distributed Morphology: Frequent Asked Questions**. Disponível em <http://ling.upenn.edu/~rnoyer/dm>. acessado em setembro de 2005.
- ROCHA, S. **A ocorrência de “coisar” em lingual portuguesa como evidência para a hipótese das raízes abstratas**.(Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008

ROSEN, S. T. The Syntactic Representation of Linguistic Events. A State-of-the-Article. **Glott International**, 4, Holland Academic Graphics, 1999

WILLIAMS, E. Theta Teory. In WEBELHUTH (ed.) **Government and Binding Theory and the Minimalist Program**. Oxford: Blackwell, 1995